



## PRONOMES EM PLENO USO: OUTRAS DEMONSTRAÇÕES DO ESSA

### PRONOUNS IN FULL USE: OTHER “ESSA” STATEMENTS

Cláudia Sales de Oliveira<sup>1</sup>  
 Denilson P. de Matos<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os usos da forma ESSA e variações, buscando identificar seus usos não prototípicos. A lógica do uso prototípico desta forma compreende os seguintes atributos: a) a relação adjetiva com o substantivo ou estrutura que acompanha; b) a posição próxima a seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal; c) as relações sintático-semânticas dentro da sentença em que se insere, contribuindo para melhor percepção do sentido das estruturas substantivas com as quais se relaciona; d) a iniciação, direcionamento, com forte apelo ao *status* locativo. Esta pesquisa se baseia nos pressupostos teóricos da perspectiva da Linguística Funcional Clássica (doravante LFC), representada por Givón (1984), Hopper e Thompson (1980). O distanciamento do núcleo e o estabelecimento de relações mais fóricas, para além dos limites da frase, dão espaço a outras regularidades de uso mais semânticas e pragmáticas. Desta forma, perguntamos: que possibilidades funcionais menos sintáticas, mais semânticas e discursivo-pragmáticas há nos usos da forma ESSA? Como se dá a gradiência desses usos na escala de prototipicidade dentro da estrutura linguística, em função de contextos específicos? Para responder a tais questões, baseados nos princípios de iconicidade e prototipicidade da LFC, procedemos à análise dos usos regulares da forma ESSA, a partir de registros de fala, coletados no *corpus* D&G/Natal (1998), no *corpus* VALPB (HORA, 1993), C-Oral Brasil (2012) e comentários em mídias sociais (*blogs*, redes sociais), que evidenciem situações comunicativas reais de uso da língua. De acordo com os resultados, verificamos que, quanto mais distante o ESSA se mantiver do substantivo ou estrutura com a qual se relaciona, menos prototípico será. Como consequência, o uso do ESSA tende a ser menos sin-

<sup>1</sup> Professora da Escola Agrotécnica da Universidade Federal de Roraima – EAgro/UFRR, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, PROLING/UFPPB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1945-7911>

<sup>2</sup> Professor Associado na Universidade Federal da Paraíba/UFPB, docente permanente do PROLING/UFPPB, Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense – UFF e Pós-Doutorando pela Universidade de Lisboa – Ullisboa/Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6101-4831>

tático, mais semântico e mais discursivo; e, portanto, mais pragmático. Assim, o uso mais prototípico, mais à esquerda na escala, tende a ser mais sintático e o menos prototípico, mais à direita na escala, tende a ser mais discursivo.

**Palavras-chave:** Demonstrativo ESSA. Linguística Funcional Clássica. Prototipicidade.

### **ABSTRACT**

*The main goal of this paper is to analyze the uses of the ESSA form and its variations, in order to identify its non-prototypical uses. The logic of the prototypical use of this form comprehend the following attributes: a) the adjective relation with the accompanying noun; b) the position next to its noun nucleus, with adnominal adjunct function; c) the syntactic and semantic relations within the sentence to which it belongs, contributing to a better perception of the meaning of the substantive structures with which it relates; and d) initiation, direction, with strong appeal to locative status. It is based on the theoretical assumptions of the perspective of Functional Linguistics, represented by Givón (1984), Hopper & Thompson (1980). The distancing of the nucleus and the establishment of more phoric relations, beyond the limits of the sentence, make room for other more semantic and pragmatic regularities of use. Thus, we ask: what less syntactic, more semantic and discursive-pragmatic functional possibilities are there for the uses of the pronoun form ESSA? How are these uses graded on the prototype scale, within the linguistic structure, according to specific contexts? To answer these questions, based on the principles of iconicity and prototypicality of the Functional Linguistics, we proceed to analyze the regular uses of the pronoun, from speech records collected in the corpus D & G/Natal (1998), in the corpus VALPB (HORA, 1993), C-Oral Brasil (2012) and comments on social media (blogs, social networks), which highlight real communicative situations of language use. According to the results, we found that the further the pronoun form ESSA is from the noun to which it relates, the less prototypical it will be. As a consequence, the use of ESSA tends to be less syntactic, more semantic, and more discursive; and therefore more pragmatic. Thus, the most prototypical use, leftmost on the scale, tends to be more syntactic and the less prototypical use, rightmost on the scale, tends to be more discursive.*

**Keywords:** Demonstrative ESSA. Functional Linguistics. Prototypicality.

## **1 INTRODUÇÃO**

Na busca por usos regulares da língua, deparamo-nos com a forma *essa*, que, apesar de inserir-se, segundo os postulados gramaticais, na categoria demonstrativa, em que estabelece junto ao item substantivo ou mesmo a uma oração, uma relação de proximidade e referencialidade dentro da sentença ou fora dela, acreditamos que seus usos evidenciam a possibilidade de se encontrarem funções regulares e inovadoras que tendem a ser mais discursivas que sintáticas.

Nesse sentido, propomo-nos analisar os usos da forma *essa* e variações, na perspectiva da Linguística Funcional Clássica (doravante LFC), representada por Givón (1984), Hopper e Thompson (1980), buscando identificar seus usos não prototípicos.

O demonstrativo *esse* (e flexões) se caracteriza, sintaticamente, como um determinante seguido de um substantivo, servindo como um modificador deste. Nesta acepção, atua na lógica do uso prototípico, considerando os seguintes atributos:

- a. Tem relação adjetiva com o substantivo que acompanha;
- b. Posiciona-se próximo do seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal;
- c. Estabelece relações sintático-semânticas dentro da sentença em que se insere, contribuindo para melhor percepção do sentido das estruturas substantivas com as quais se relaciona.
- d. Sugere iniciação, direcionamento, com forte apelo ao *status* locativo.

Devido a especificidades de uso, fizemos um recorte e restringimos o escopo de análise à forma pronominal *essa* neste trabalho, cujas conclusões, nos casos mais gerais, aplicam-se às demais formas pronominais demonstrativas. Tais especificidades podem ser observadas nas seguintes frases, em que aparece a forma *essa*:

Ex1: *não me venha com essa [de];*

Ex2: *vamos nessa?*

Ex3: *sem essa;*

Ex4: *essa é boa;*

Ex5: *por essa não esperava;*

Ex6: *corta essa;*

Ex7: *ora essa.*

Estes exemplos apresentam uma espécie de desconstrução prototípica da forma pronominal adjetiva demonstrativa *essa*, já que se afastam do protótipo *essa(s)* + substantivo, fazem parte de uma nova sentença, em cujas relações se tornam menos sintáticas, mais semânticas e discursivas, e, por conseguinte, mais pragmáticas. Logo, o distanciamento do núcleo e o estabelecimento das relações fônicas, para além dos limites da frase, dão espaço a outras regularidades de uso mais semânticas e mais pragmáticas.

Nesta perspectiva, acredita-se que estamos diante de um processo sintático-semântico-pragmático produtivo com a forma *essa*. Destarte, perguntamos: que possibilidades funcionais menos sintáticas, mais semânticas e discursivo-pragmáticas há nos usos de *essa*? Como se dá a gradiência desses usos na escala de prototipicidade, dentro da estrutura linguística, em função de contextos específicos?

Para responder a tais questões, baseados nos princípios de iconicidade e prototipicidade da LFC, empreendemos nossa análise, executando os seguintes passos: primeiro, apresentamos uma descrição gramatical dos demonstrativos e um breve percurso histórico de sua formação e usos; segundo, fazemos uma exposição do quadro teórico que dá suporte ao presente estudo; e terceiro, procedemos a análise dos usos regulares do *essa*, a partir de registros de fala, coletados no *corpus* D&G/Natal (1998), no *corpus* VALPB (HORA, 1993), C-Oral Brasil (2012) e excertos e comentários retirados de mídias sociais (*blogs*, redes sociais), que evidenciem situações comunicativas reais de uso da língua.

## 2 DESCRIÇÃO E PERCURSO HISTÓRICO DOS DEMONSTRATIVOS

Para descrever e analisar esse fenômeno, partimos do conceito de pronomes demonstrativos, advindo da gramática tradicional, como palavras que situam os objetos em relação às três pessoas

do discurso (ROCHA LIMA, 1994; CUNHA; CINTRA, 2001, BECHARA, 2009, dentre outros), tendo a função de indicar a posição do ser no espaço, no tempo e no discurso. Quanto à posição dos demonstrativos na sentença, os gramáticos são unânimes ao mostrar que a regra geral aponta que o demonstrativo precede normalmente o substantivo que o determina. Isto pode ser verificado no exemplo citado por Rocha Lima (1994, p. 333):

Ex8: *Estes homens e estas mulheres nasceram para trabalhar* (J. SARAMAGO, LC, 327).

Na Língua Portuguesa, distinguem-se as unidades *este* que indicam proximidade do objeto situado em relação ao falante e *aquela* que indicam seu afastamento do falante. O elemento *esse* expressa, em princípio, proximidade em relação ao destinatário (ROCHA LIMA, 1994; BECHARA, 2009; AZEREDO, 2012).

Estas unidades são denominadas pronomes demonstrativos. Segundo Cunha (2001, p. 328) e Rocha Lima (2011, p. 159-160), os demonstrativos designam as pessoas ou coisas referentes às pessoas gramaticais do discurso, situando-as no tempo e/ou no espaço. Já Bechara (2009, p. 167) acrescenta que os pronomes demonstrativos, além de apontar a posição dos indivíduos em semelhança às pessoas gramaticais do discurso, expressam proximidade no tempo, no espaço ou no texto.

Segundo Andrade (1999, p. 156), constituem um sistema complexo, “sujeito a múltiplas variações e interações quer no plano sincrónico quer no plano diacrónico”. O desafio dos estudiosos, em meio à complexidade dos pronomes habitualmente incluídos na classe dos demonstrativos, tem sido de dar-lhes uma sistematicidade.

Para compreender melhor o percurso histórico da constituição e usos dos demonstrativos, Bechara (2009, p. 123) registra em nota de nomenclatura, as origens das categorias nominais incluindo:

Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos nomes, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte amor*), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem amoroso*). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: *alto monte – o alto do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem “substantivar-se”, vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu progresso / Desejo que progridas* [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujos* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei o que tem de verdade nisso*, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o (a, os, as)* pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

A partir desta reflexão, Bechara compreende que os espaços fronteiros das categorias nominais eram tênues, muitas vezes sendo ultrapassados uns pelos outros, compreendendo um longo caminho para a compreensão de sua respectiva função e lugar na estrutura da língua portuguesa. As categorias desconhecidas no latim clássico, os artigos e os pronomes pessoais de terceira pessoa, emergiram dos demonstrativos, o que, para Ilari (2004), foi “a inovação mais importante” de criação pelos demonstrativos. Assim como os artigos, os demonstrativos estabelecem um vínculo

de uso em que o elemento gramatical acompanha, prototipicamente, no sintagma nominal, um núcleo substantivo.

Segundo Ilari (2004, p. 95), a categoria dos demonstrativos estabelece como critério a distinção de proximidade (próximo do falante; próximo do ouvinte e afastado tanto do falante como do ouvinte) para distribuir seus usos. No entanto, o autor esclarece que tal distinção antes expressa no latim clássico pelo uso das formas *hic*, *iste* e *ille*, “passa a ser expressa por *iste* (reinterpretado como demonstrativo de primeira pessoa), *ipse* (que deixa de ser um indefinido de realce, e se torna um demonstrativo de segunda pessoa) e *ille* (demonstrativo de terceira pessoa)”. Acrescenta, também, que, no latim vulgar, por meio do uso generalizado, esse pronome ganhou o reforço de “partículas de reforço” – *accu-* ou *eccu-* – equivalentes a *eis*, *ai está*.

No português arcaico, distinguem-se as formas dêiticas e anafóricas *este* e *aquele*, “referindo-se portanto a uma localização no âmbito do emissor/receptor” e “no âmbito externo ao eixo E/R” (emissor/receptor). Nesse ponto, esses demonstrativos já funcionam como “anafórico, referindo-se, no âmbito do enunciado, a algo já mencionado antes” (MATTOS; SILVA, 2006, p. 172).

A demonstratividade, em que se especificam relações espaciais, inclui determinadores de terceira pessoa. No entanto, em sua origem, os demonstrativos constituíam-se *dêixis*, cuja função primordial era a de “demonstrar”; “apontar” a coisa ou o referente, e da qual faziam parte os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas. A partir do século XVIII, os demonstrativos passam por uma reestruturação, o que levou a categoria a contar apenas com o uso de *este*, *esse*, *aquele* com referência à terceira pessoa. Como resultado dessa divisão, a categoria do demonstrativo, que compreendia todos os dêiticos, passa a figurar como uma categoria à parte, composta por “alguns pronomes de 3ª pessoa” (CARDOSO, 1994, p. 7), podendo funcionar como *anafóricos*; já os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, “os mais dêiticos” ou “os mais demonstrativos” dos pronomes (cf. SALUM, 1983, *apud* CARDOSO, 1994), passaram a compor os pronomes pessoais. Segundo Cambraia e Bianchet (2008, p. 17), “dever-se-ia entender a associação dos demonstrativos à categoria de pessoa apenas como consequência do seu valor localizador”, compreendendo que à categoria de pessoa pertencem os pronomes pessoais (reto e oblíquo).

Manuel Said Ali, em sua *Grammatica Historica da Lingua Portugueza* (1931), já descrevia dentre as funções dos demonstrativos, as funções de espaço, tempo, com destaque ao “*demonstrativo anafórico*”, relacionando-o à “função de *deictico*, isto é, indicando a situação de pessoas ou cousas e o momento da acção em relação à pessoa que fala” (p. 107). Não difere muito das designações dadas hoje aos demonstrativos, cuja noção de dêiticos está relacionada a uma categoria com indicação de referentes situacionais, e de anafóricos, à função de retomadas textuais relativas a termos antecedentes.

A esse respeito, Bechara (2009, p.158) comenta que “a necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas de que trata leva o falante a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.” Nessa esteira, Azeredo (2012) detalha que o uso das formas *este/esse/esta/essa* é preservado na língua escrita. Bagno (2011, 793-4) acredita que “este” (“esta”) está desaparecendo da língua falada por meio do processo de assimilação, em que no grupo consonantal -ST o T sofre assimilação do S, resultando em -SS, levando ESTE a ser produzido como ESSE. Desta forma, as funções básicas das formas ESTE e ESSE são recuperadas, adicionando-se à forma ESSE um advérbio de lugar: “esse aqui”, ou “esse aí”, conforme pode ser demonstrado nos exemplos 9 e 10 com a forma ESSA.

Ex9.: “Tem essa caneta **aqui** também”.

(C-Oral Brasil, 2012, bfamcv14.txt)

Ex10.: “*eu falei, não, mas essa parte aí nu pertence nem eu nem você não // CAR*”  
(C-Oral Brasil, 2012, bfamcv11.txt)

Além disso, Bechara (2009, p. 141) afirma que o uso dos pronomes demonstrativos “nem sempre” seguem “este rigor gramatical” e que “muitas vezes [eles] interferem em situações especiais que escapam à disciplina da gramática”.

Kerbrat-Orecchioni (1980) afirma que alguns linguistas ampliam a noção de “*déixis*”, incluindo a referência cotextual. Nesse sentido, a autora cita a classificação dos dêiticos proposta por Todorov (1970, p. 10, 1972, p. 406), o qual distingue, a partir de uma convenção terminológica mais ou menos arbitrária, a *déixis indicial* (situacional) e a *déixis anafórica* (co-textual), (tradução nossa)<sup>3</sup> (p. 39). A autora, ao discorrer sobre a função espaço-temporal dos dêiticos, destaca que estes “não devem ser considerados apenas como um dos itens da língua e do discurso, como qualquer outra unidade linguística, mas muito mais como aquilo que torna possível a atividade discursiva”(tradução livre)<sup>4</sup> (p. 55). Nesta perspectiva, pode-se perceber que a referenciação dos demonstrativos acontece a partir da interação entre os sujeitos, quer estejam no contexto linguístico intraoracional, anterior ou posterior à sentença, quer estejam na situação mais imediata, quer sejam apenas pressupostos.

Linguistas como Moura Neves (2011), Castilho (2010), Silva (2018) abordam o demonstrativo a partir da perspectiva dos usos efetivos em situações reais de comunicação. Castilho trata o assunto, levando em conta suas diferentes propriedades gramaticais, semânticas e discursivas. Moura Neves prioriza a fala, a conversação para analisar o funcionamento da língua portuguesa. Discutindo os valores exofóricos e endofóricos do demonstrativo *aquela*, Silva (2018, p. 167) ressalta que é possível verificar, “no uso corrente do Português Brasileiro contemporâneo, além dessas, outras funções também exercidas por esse pronome distintas das registradas na literatura sobre o tema”, em especial as sentenças em que se observam os diferentes usos do *aquela*, os quais evidenciam gradiência no continuum “objetividade – (inter)subjetividade. A respeito de tal gradiência, o autor, com base em De Mulder e Carlier (2011), esclarece que

Essa gradiência se mostra numa escala que vai desde os usos mais vinculados à “concretude” referencial expressa pela construção até os casos que são vistos como mais abstratos, voltados para o locutor e relacionados à sua atitude subjetiva e/ou orientados para o interlocutor, estando sujeitos à interpretação pragmática deste e a certas negociações de sentido (SILVA, 2018, p. 195).

Trata-se, desta maneira, da existência de relações endofóricas e exofóricas estabelecidas pelo demonstrativo. Analogamente, a forma *essa* se insere em novos contextos de uso, esvaziando os significados originais, a partir do que Bybee (2011) chama de *generalização semântica*. Assim, com o desgaste dos sentidos originais, o *essa* passa a formar parte de uma expressão mais complexa, “aberta à reinterpretação no contexto” (p. 17), confirmando que o sistema linguístico é de fato flexível, adaptativo e ‘altamente’ sensível ao contexto (NUYTS, 2008, p. 92).

---

<sup>3</sup> *déixis indicielle, déixis anaphorique.*

<sup>4</sup> *sont à considérer non seulement comme des unités de langue et de discours au même titre que toute autre unité linguistique, mais bien plus, comme ce qui rend possible l'activité discursive elle-même.*

### 3 OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA (LFC)

A partir da segunda metade do século XX, muitos estudiosos da linguagem, na abordagem funcionalista, de vertente americana, como Paul Hopper, Sandra Thompsom, Talmy Givón, Elizabeth Traugott, empreenderam esforços para defender uma linguística baseada no uso, cujas características consistem em analisar a língua do ponto de vista do contexto e da situação extralinguística, concebendo o estudo do discurso e da gramática de modo simultâneo, no intuito de entender como a língua se configura, a partir das regularidades observadas no seu uso efetivo, explicadas com base nas condições discursivas em que se verifica a interação sociocomunicativa. Aos domínios da sintaxe e da semântica, soma-se o domínio da pragmática, que identifica as motivações e intenções do usuário da língua. Estes três domínios, segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2015, p. 21) “são relacionados e interdependentes”.

Desde então, a Linguística Funcional, em sua versão clássica - LFC, vem adotando um modelo teórico-metodológico da análise linguística em que a estrutura da língua é motivada por aspectos comunicativos. Nesse sentido, os estudiosos da LFC partem do princípio de que “a gramática é, pois, o resultado da cristalização ou regularização de estratégias recorrentes, que decorrem de pressões de uso” (FURTADO DA CUNHA, 2006, p. 116). Constitui um mecanismo produtivo de que o falante se utiliza para produzir sentidos, a partir de sua experiencição, ou seja, dos sentidos produzidos discursivamente. Nesta direção, Furtado da Cunha (2015, p. 25) ressalta que

a língua não é um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas. As estruturas sintáticas não devem ser diferentes, na forma e organização das estruturas semântico-cognitivas subjacentes.

À ideia de que a estrutura da língua reflete, de alguma maneira, a estrutura da experiência, os linguistas funcionais dão o nome de *iconicidade*. Trata-se de um princípio que norteia a investigação linguística e do qual outros princípios e subprincípios decorrem. Givón (1984), citado por Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2015), aponta três subprincípios, nos quais a iconicidade se manifesta, e dos quais destacamos, por sua relação direta com o nosso objeto de estudo, o subprincípio da proximidade.

O *subprincípio da proximidade ou integração* concerne à capacidade que os elementos sintáticos têm de aderir-se na estrutura sintática. A respeito desse princípio, consideremos, a partir de Bybee *et al.* (1994), que dois elementos que apresentam um paralelismo semântico costumam vir próximos um do outro. Isto quer dizer que a relação conceitual que ambos mantêm entre si é diretamente proporcional à distância que os elementos mantêm na cláusula. A força prototípica do *essa* na cadeia sintagmática está em que este acompanha e vem próximo de seu substantivo, isto é, quanto mais distante do substantivo núcleo por ele determinado estiver, menos prototípico será o uso da forma *essa*, conforme observado nos exemplos (11) e (12).

Ex11: *Eu tinha até uma foto quando era pequena, num sei que fim levou **essa** foto.*  
(VALPB, HORA, 1993, p. 8)

Ex12: *E\* Conte um capítulo de alguma novela que você mais gostou. De Salsa e Merengue ou Rei do Gado.*

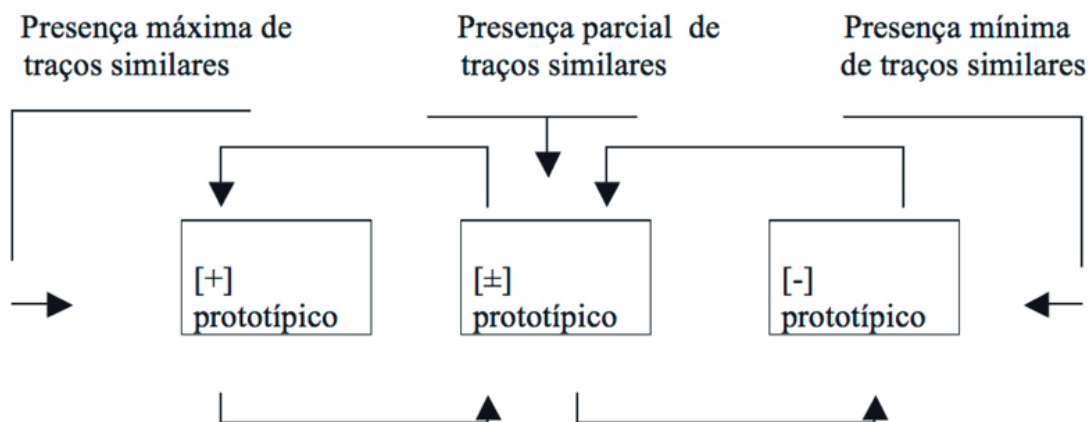
I\* [Tem] tem duas parteø. Tem a [de] [da]  **dessa [da] das sete, né mesmo? Salsa e Merengue, né? O nome dela? [Tem] foi quando aquele homeø, aquele Bola, né? O nome do homeø né Bola? Marido daquela muléø safada?**

(VALPB, HORA, 1993, p. 24)

Outro princípio que norteia a pesquisa baseada nos usos é o princípio da prototipicidade, segundo o qual há categorias na língua que abrigam um maior número de atributos que as caracterizam como categoria, “não sendo necessário, entretanto, que tais propriedades sejam partilhadas por todas as ocorrências, mas pelo menos se manifestem em um número bastante razoável de elementos linguísticos” (LOBÃO, 2011, p. 2). É o elemento prototípico que vai definir-se como padrão e, portanto, não marcado e servir de parâmetro para o elemento periférico e, por conseguinte, mais marcado. Observando os exemplos (11) e (12), é possível notar que (11) evidencia o uso prototípico do *essa*, maior proximidade do substantivo a que se refere, no interior da sentença; e (12), uso não prototípico, distante do substantivo a que se refere, fora da oração. Portanto, a proximidade e o distanciamento do *essa* em relação ao substantivo a que se refere dentro e fora da sentença, determinam os usos prototípicos ou não do *essa*. No entanto, é importante considerar que, entre o uso mais prototípico e o não prototípico, circulam usos específicos mais ou menos prototípicos, ou seja, podem admitir pelo menos um dos atributos característicos da forma demonstrativa *essa*.

Nesse sentido, Costa (2016) afirma que o fenômeno da prototipicidade ocorre num *continuum* de escalaridade, segundo a qual os dados analisados se distribuem de acordo com o número de atributos definidores de determinada categoria. Desta forma, são elementos aqueles que apresentam maior número de traços similares; são elementos ( $\pm$ ) prototípicos aqueles que apresentam número de traços parcial, situando-se numa posição medial na escala; e, por último, são elementos ( $-$ ) prototípicos aqueles que se distanciam dos elementos ( $+$ ) prototípicos, possuindo um número mínimo de atributos. Para ilustrar como funciona a escala gradual de prototipicidade, Costa (2016, p. 165) propõe a figura 1.

Figura 1 – Escala gradual de prototipicidade



Fonte: Alves, 2011, p. 54,

Em ambos os princípios funcionalistas, aqui brevemente descritos, se inscreve a ideia de que considerar a gramática como motivada por fatores externos implica reconhecer que há um



componente pragmático que se integra aos demais componentes, sintático e semântico, para a organização da interação. Givón (1984 apud NEVES, 2006, p. 24) declara o objetivo de fornecer um quadro sistemático e abrangente da sintaxe, semântica e pragmática como um todo. Para o funcionalista norte-americano, a sintaxe é a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva).

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Para melhor conduzir a reflexão que aqui pretendemos desenvolver acerca da forma demonstrativa *essa* e as implicações semânticas, discursivo-pragmáticas, decorrentes de seu uso, escolhemos trabalhar com a) o *Corpus D&G/Natal* (1998), um *corpus* de registro de fala e escrita, de Natal/RN; b) o *corpus* do VALPB (HORA, 1993), registros de fala de João Pessoa/PB; c) C-Oral Brasil (2012); e d) comentários em mídias sociais (blogs, redes sociais), que evidenciem situações comunicativas reais de uso da língua. A escolha dos *corpora* se justifica pelo fato de apresentar registros de fala, que evidenciam situações comunicativas reais de uso da língua,

levando em conta, entre outros aspectos o contexto de produção linguística (o momento e o lugar da interação verbal, os parceiros da comunicação, seus propósitos comunicativos etc.), especificidades do gênero textual, efeitos de sentido pretendidos, questões relativas à expressividade e/ou à economia, a extensões metafóricas e/ou metonímias, à distribuição da informação da informação na oração e no texto (BISPO; SILVA, 2017, p. 92).

Assim, uma investigação que tenha base funcional, “busca, entre outras coisas, identificar motivações de natureza interacional” (BISPO; SILVA, 2017, p. 91-92), a partir de dados de fala e/ou escrita oriundos de situações reais de comunicação.

Como já especificamos, a forma *essa* se caracteriza, sintaticamente, como um determinante seguido de um substantivo, servindo como um modificador deste. Nesse sentido, atua na lógica do uso prototípico, considerando os seguintes atributos:

- a) Tem relação adjetiva com o substantivo que acompanha;
- b) Posiciona-se próximo do seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal;
- c) Estabelece relações sintático-semânticas dentro da sentença em que se insere, contribuindo para melhor percepção do sentido das estruturas substantivas com as quais se relaciona.
- d) Sugere iniciação, direcionamento, com forte apelo ao *status* locativo.

Analisemos os usos prototípicos e não prototípicos do *essa* nos exemplos que seguem.

Ex13: ... a metade né ... da massa que já é pra eu fazer duas né ... a metade ... aí pego uma estiro a metade também ... estiro mais ... quando tiver bem estirada aí eu coloco na ... na ... na ... na forma ... corto o que sobrar né ... de ... de ... de ... de massa ... sobrar coloco na forma e geralmente quando eu faço duas ... sobra ainda massa né ... com **essa massa** aí eu já faço outra coisa ... eu faço os enroladinhos né ...

(*Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 11-12)

Ex14: *Por mais bárbaro que tenha sido o crime, será que esse preso não seria mais útil se trabalhasse para ajudar o estado e a família do criminoso? Essa é uma questão que causa dúvida, muitos dizem que isso é teórico e não se realizaria na prática, para mim isso não é motivo para não se tentar.*

(Corpus D&G/Natal, 1998, p. 101)

Ex15 *Que linguagem é essa aí, meu filho.*

(C-Oral Brasil, 2012, <https://www.linguateca.pt/cgi-bin/acao.pl>)

Ex16 *Andressa Suíta aparece pra lá de estilosa em uma foto que compartilhou no início da tarde desta quinta-feira, 2, em seu perfil do Instagram. Na imagem, a modelo, que é namorada do cantor sertanejo Gusttavo Lima, aparece usando um shortinho listrado, boina, camiseta e um casaco tipo trench coat.*

[Comentário] (...) **Essazinha** aí só aparece na mídia sendo ou ex namorada de alguém ou namorando alguém, mais fica a pergunta quem é **essazinha** mesmo e o que faz da vida.

(Fonte: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/05/estilosa-andressa-suíta-aparece-com-pernas-de-fora.html>, em 02/05/2013)

O exemplo 13 ilustra bem o uso prototípico do demonstrativo *essa*, o qual, obedecendo aos critérios de prototipicidade, constitui-se um pronome adjetivo, ligado a um substantivo – *massa* – o acompanha e estabelece uma relação, eminentemente sintática no interior da frase, posicionando-se próximo a seu núcleo, atuando na lógica de um bom pronome demonstrativo, dispondo-se à esquerda da escala gradual de prototipicidade, como (+) prototípico, constituindo um uso eminentemente sintático.

No exemplo 14, o *essa* ocupa a posição do núcleo do sujeito na oração, perde seu atributo prototípico de adjetivo ligado a um substantivo e estabelece relações com o elemento oracional. Neste caso, a reestruturação da sentença, em que o demonstrativo ocupa posição topicalizada, distante do substantivo a que se refere, dá espaço a uma conotação mais semântica que sintática. Ao alterar uma sentença do tipo “Essa questão causa dúvida” para “Essa é a questão que causa dúvida”, o falante não só altera sintaticamente uma frase, afastando-se do protótipo, mas também, produz no interlocutor uma atenção aos sentidos que deseja transmitir, ou seja, a uma “questão” específica não a qualquer uma. A alteração nas relações sintáticas produz como resultado uma função sintática, porém, com o *essa* ligado à oração, configurando-se, desta forma, um uso (±) prototípica, posicionando-se no centro da escala gradual de prototipicidade. O reposicionamento das unidades sintáticas traria de volta a condição prototípica, porém com menor expressividade.

O exemplo 15 apresenta um distanciamento dos critérios prototípicos, pois não acompanha um núcleo substantivo e não apresenta referência na oração. Cumpre sua função de apontar e remeter a algo, que está fora da oração. Este algo fora da sentença, compartilhado entre os interlocutores, pode ser recuperado por meio de uma oração adjetiva, restabelecendo a condição prototípica do uso do *essa*, na sentença onde se encontra – *Que linguagem é essa* [linguagem que você está usando], *meu filho!*. A frase, tal como se apresenta no exemplo 15, cuja referência se encontra fora da oração, dá mais força ao tom de reprovação, de rechaço expresso pela mãe ao uso de determinada ‘linguagem’ do filho. Dita de outro modo, não teria a mesma expressividade. Desta maneira, evidencia uma função mais semântica e menos sintática do uso do pronome, evidenciando um uso (±) prototípico, posicionando-se no centro da escala gradual da prototipicidade.

Considerando a proximidade, um subprincípio da iconicidade proposta por Givón (1984), segundo o qual a relação conceitual que as unidades linguísticas mantêm entre si é diretamente proporcional a distância que os elementos mantêm na cláusula, verificamos que quanto mais distante for o *essa* do substantivo com o qual se relaciona, menos prototípico será. Como consequência, o uso do *essa* tende a ser menos sintático, mais semântico e mais discursivo; e, portanto, mais pragmático.

O exemplo 16 corresponde a um tipo de sentença em que o *essa* aparece no diminutivo, em que o sufixo *-inha* pode expressar a diminuição ou depreciação de uma mulher. Segundo Silva (2018, p. 192), uma forma como o *essa* compoendo um substantivo a partir do diminutivo “pode ser considerada idiossincrática e bastante marcada em relação às demais”. A forma pronominal *essa* assume uma forma substantiva, a partir da adição do sufixo *-inha*, aponta para um referente fora da oração (exofórico) e estabelece uma conotação semântica bastante marcada, assumindo um valor depreciativo do seu referente (Andressa Suita), ressaltando aspectos negativos da mulher que vão acentuar proximidade locativa, “repulsa (ou afastamento afetivo) e desvalorização da pessoa” (*op. cit.*). Trata-se, pois, de um caso, cuja função semântica se sobrepõe à função sintática, e, portanto, (–) prototípica, posicionando-se entre o centro e a direita na escala gradual de prototipicidade.

Ex17: *I: aí eu sei que o carro ... o eixo do carro quebrou ... aí meu pai não teve controle e capotou quatro vezes ... quatro vezes ... eu ... fracturei o braço ... machuquei o rosto ... porque eu levei uma pancada muito grande ... porque eu vinha dormindo ... o Emerson num teve nada ... meu irmão ... e:: minha tia ... essa do primeiro acidente ... que entrou nas ferragens ... vinha no carro ...*  
(Corpus D&G/Natal, 1998, p. 103)

Ex18: *E\* ... Que “Momentos de Amor”?*

*I\* Sim, eu escutava muito ela. Era cum mais deles. Os povo0 só pedia, telefonava, pedia mais dele aí, a gente gostava aí, quando meu marido ia tira0 p0a: p0a escuta0 outra, eu dizia: “Não, eu quero é essa”. Aí, ele dizia: “Tu é cheia de frescura!”. Eu digo: “Não. Se eu sou fã deles, eu tenho que escuta0 a música deles”.*

(VALPB, HORA, fem., 1993, p. 12)

Ex19: *Aí o menino lá atrais, né? Num foi nem eu, o menino lá atrás perguntou: “Professora, que letra é essa?” Ela cum raiva, ela olhou pra traz e disse disse mesmo assim: “aqui aqui num tem aqui eu num tô ensinando a burro não, se você é burro, num posso fazer nada.”*

(VALPB, HORA, 1993, masc., p. 149)

Considerando os exemplos de 17 a 19, observamos que os usos que se posicionam mais ao centro da escala gradual da prototipicidade apresentam uma relação do *essa* com seu determinado fora da oração, sendo este um substantivo, uma oração ou estando, contextualmente, pouco ou mais distante do pronome. No exemplo 17, embora o *essa* e o substantivo se encontrem na mesma sentença, a anteposição do substantivo ao pronome, ou seja, do determinado – *tia* – ao determinante – *essa*, evidencia algo além do sintático. Não resta dúvidas de que ambas unidades sintáticas, presentes na sentença e próximas uma da outra, revelam um uso prototípico, em que o *essa* é um pronome adjetivo, ligado a um substantivo, o acompanha e existe em função dele e atua na lógica de um típico pronome demonstrativo, porém sua posição em relação ao substantivo cumpre uma função, em que o falante busca identificar a pessoa de que fala – a *tia* – detalhando informações

de que possivelmente seu interlocutor necessite para reconhecê-la. Para tanto, recorre ao uso de uma expressão e uma oração na posição de núcleo do sintagma nominal – *essa do primeiro acidente e que entrou nas ferragens*.

No exemplo 18, o trecho “não, eu quero é *essa*.” evidencia o uso do pronome *essa* que aponta para um substantivo fora da sentença. Embora sintaticamente o *essa* possua o atributo de apontar algo, este algo se encontra distante do pronome, qualificando seu uso como ( $\pm$ ) prototípico; mais sintático, menos semântico, mas é mais fórico, seu substantivo correspondente encontra-se em outra oração.

Já o exemplo 19 – *que letra é essa?*, à semelhança do exemplo 15 – *que linguagem é essa?*, em que, além de apontar algo fora da oração, sendo mais fórico, alterando as relações prototípicas, remete a algo (+) semântico, pois, em ambos os usos, imprimem um tom pejorativo ao uso da *linguagem* (chula, imprópria) e da *letra* (ilegível, mal desenhada), respectivamente.

Além dos tipos de usos do demonstrativo *essa*, analisados acima, existem aqueles cujo distanciamento da forma prototípica revelam que, para dar maior expressividade às suas interações comunicativas, os falantes e seus interlocutores fazem uso de formas atípicas, não prototípicas do demonstrativo *essa*, passando a dar espaço a frases e expressões do tipo *vamos nessa*; *sem essa*; *essa é boa*; *corta essa*, *ora essa* entre outras, evidenciando esvaziamento sintático e semântico, compondo formas, iconicamente, mais expressivas. Para ilustrar estes casos, vejamos os exemplos 20 e 21.

Ex20: Conta Outra  
(Maria Rita)

*Conta outra  
nessa eu não caio mais  
já foi-se o tempo em que eu pensei  
que você era um bom rapaz  
corta essa  
de querer me impressionar  
coisa boa é Deus quem dá  
besteira é a gente que faz*

(Letras. Disponível em: Tedeschi, Edu. <https://www.lettras.mus.br/maria-rita/83851/>  
Acesso em: 30/07/2020)

Ex.21: *Dinheiro dos fundos na praça. Vamos nessa?*

Muitos fundos que compram participações em empresas emergentes com grande potencial de crescimento estão à procura de negócios para 2012

(Revista Exame, 17/01/2012, in: <https://exame.com/pme/dinheiro-na-praca/>, acesso em  
30/07/2020)

A expressão *essa menina*, muito usada no Nordeste do Brasil, demonstra mais um caso dos usos atípicos da forma *essa*. Observe-se o exemplo 22.

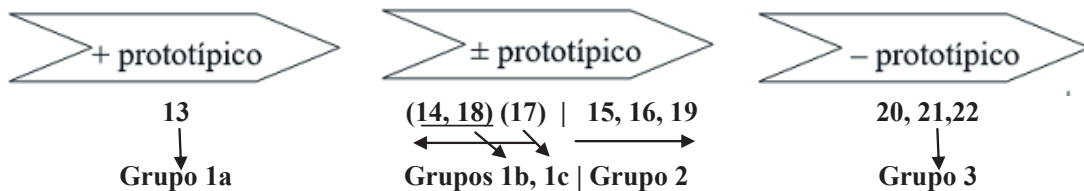
Ex22: *Aí ela disse: “Mais já pensou se eu chegasse tivesse a casa aí incendiada!” (Risos) Mayø foi uma confusão tão grande, essa menina, que num sei não. (Risos) É cada uma que acontece com a gente, visse?*

(VALPB, HORA, 1994, p. 23)

No exemplo 22, entre o *essa* e o substantivo *menina* não há uma relação de referencialidade. A composição *essa + menina* refere-se a uma fórmula relativa ao tratamento dado ao interlocutor pelo falante. Assim, o uso não é sintático, nem fórico, mas discursivo, e, portanto, mais expressivo; cumpre uma função pragmática.

Resumindo os dados de uso da forma demonstrativa *essa*, indicados nos exemplos de 13 a 20, apresentamos a escala gradual de prototipicidade, apontando o posicionamento de cada ocorrência no *continuum* gradiente da escala e identificando o seu perfil prototípico frente aos demais membros analisados.

Figura 2 – Escala gradual de prototipicidade



Fonte: Alves, 2011, p. 55.

Considerando os exemplos propostos nesta análise, observemos a escala gradual de prototipicidade, levando em conta o subprincípio de proximidade apresentado por Givón (1984), evidenciando que quanto mais distante o *essa* se mantiver da estrutura com a qual se relaciona, menos prototípico. Como consequência, o uso do *essa* tende a ser menos sintático, mais semântico e mais discursivo; e, portanto, mais pragmático. Assim, o uso mais prototípico, mais à esquerda na escala, tende a ser mais sintático e o menos prototípico, mais à direita na escala, tende a ser mais discursivo. Dessa maneira, de acordo com a escala gradual de prototipicidade apresentada na Figura 2, podemos classificar os usos da forma *essa*, em 3 (três) grupos: Grupo 1a (13), 1b (14, 18), 1c (17); Grupo 2 (15, 16, 19); Grupo 3 (20) (21) (22). Pertencem ao Grupo 1a os usos eminentemente sintáticos; ao Grupo 1b, sintático e mais fórico (a estrutura ligada ao *essa* encontra-se fora da frase); ao Grupo 1c, sintático e mais fórico (o elemento ligado ao *essa* é um termo que, embora esteja próximo, encontra-se distante da memória do interlocutor). Os grupos 1b e 1c são na escala gradual de prototipicidade ( $\pm$ ) prototípicos com tendência a (+) prototípicos; ao Grupo 2, usos mais semânticos que sintáticos (expressam valor semântico depreciativo), com tendência a ser menos prototípicos; ao Grupo 3, os usos atípicos da forma pronominal *essa*, em que há um esvaziamento da noção demonstrativa do *essa*, ou seja, não atua na lógica de um pronome demonstrativo; não aponta algo; compreendendo um uso muito mais discursivo, evidenciado em sentenças interjetivas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a necessidade de maior expressividade e as pressões sociocomunicativas sofridas pelos falantes no uso cotidiano da língua levam ao reposicionamento da forma *essa* na sentença e a seu distanciamento da estrutura a que se refere dentro e fora da sentença.

Como se pôde notar ao longo da exposição, as formas pronominais demonstrativas, mais especialmente a forma *essa*, constituem dentro do funcionamento da língua portuguesa, uma das categorias mais produtivas e mais complexas dentro de seus usos. Tanto do ponto de vista gramatical, como dos pontos de vista semântico e discursivo-pragmático, o item *essa* evidencia uma diversidade de usos que impulsiona o pesquisador a entender sua sistematicidade e a idiosincrasia de seus usos. Recomendamos ampliar o escopo dos parâmetros a serem avaliados para melhor compreender a dimensão do processo de variação nos usos, especialmente das construções idiomáticas com a forma *essa*.

## 6 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. Demonstrativos e [ana]fóricos em Latim. *Ágora*. Estudos Clássicos em Debate 1 (1999) 155-171.
- AZEREDO, J. C. *Iniciação à Sintaxe do Português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J.L. Usage-based theory and grammaticalization. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*, Oxford University, 2011.
- CAMBRAIA, C. N. & BIANCHET, S. M. G. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 35, p. 15-36, 2008.
- CARDOSO, S. H. B. *Demonstrativo, dêixis e Interdiscurso*. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. 278p.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, J. da L. A categorização do gênero gramatical: uma leitura crítica para o ensino de português. In: *Furtado da Cunha, M. A.; Távares, M. A. Funcionalismo e ensino de gramática* [recurso – 1. ed. – Natal, RN : EDUFRN, 2016. 223 p.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DE MULDER, Walter; CARLIER Anne. The emergence of the definite article in Late Latin *ille* in competition with *ipse*. In: DAVIDSE, Kristin et al. *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. The Hague: Mouton de Gruyter, 2010. p. 241-276.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto*. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 115-131, 2. sem. 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, Marcos Antônio Costa; CEZÁRIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 21-47, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

GIVON, Talmy. *Syntax – a functional-typological introduction*, volume II, Amsterdam, Benjamins Publishing Company. 1984

ILARI, R. *Linguística Românica. Ática*, São Paulo, 2004.

HOPPER, P. J. e THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, vol. 56, nº 2, 1980, p. 251-299.

HORA, D. *Projeto variação linguística no Estado da Paraíba*. 1993.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris, 1980. p. 56

LOBÃO, D. “Se beber não dirija” ou “se dirigir não beba”: uma análise do Funcionamento Pragmático-discursivo das adverbiais condicionais e sua aplicação ao ensino de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/2795881/%E2%80%9Cse-beber-n%C3%A3o-dirija%E2%80%9D-ou-%E2%80%9Cse-dirigir-n%C3%A3o-beba%E2%80%9D--uma-an%C3%A1lise>. Acesso em: 30/07/2020.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico - fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MOURANEVES, M. H. *Gramática de Usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NUYTS, J. Pattern versus process concepts of grammar and mind: A cognitive-functional perspective *Jezikoslovlje*, 9.2 (2008): 87-107.

RASO, T. & MELLO, H. (eds), *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SAID ALI, M. *Grammatica Historica da Lingua Portugeza*. São Paulo, Melhoramentos, 1931.

SALUM, I. N. (1983), “As vicissitudes dos dêicticos e anafóricos, in *In memorium separata*, EFLCH/USP, pp.311-342.

SILVA, J. R. (Inter)Subjetividade E Extensão Semântica Em Construções Com *Aquele*. In.: FURTADO DA CUNHA, M. A., BISPO, E. B. e SILVA, J. R. *Variação e mudança em perspectiva construcional* [recurso eletrônico] – Natal: EDUFRN, 2018. 286 p.

TODOROV, T. Problèmes de l'énonciation », *Langages* 1970 :17, p. 3-11, In.: Kerbrat-Orecchioni, Catherine. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris, 1980. p. 56.